UMA PESQUISA-SEM-ÓRGÃOS: IMAGENS, ESCRITAS, SOBREJUSTAPOSIÇÕES...

Cristian Poletti Mossi / Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

RESUMO
O artigo deriva da conclusão da tese de doutorado do autor, defendida na linha de pesquisa 'Educação e Artes' do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS/Brasil). Discute-se no texto a possibilidade de criar um corpo não orgânico para as pesquisas em Educação ditas Majoritárias, retomando assim a prática do corpo-sem-órgãos enunciada por Artaud em sua conferência radiofônica *Pour en finir avec le jugement de dieu* (1947) e expandida por Deleuze & Guattari em sua produção filosófica conjunta, em especial no livro *Mille Plateaux*. Procuram-se modos de pensar uma *pesquisa menor,* ou uma *esquizopesquisa,* que se faria por *sobrejustaposições* inventivas, como colagens transcriadoras de imagens e linhas de escrita em tensão constante as quais afetam o corpo no decorrer do percurso investigativo e coagem o pensamento a pensar.

PALAVRAS-CHAVE
corpo-sem-órgãos; sobrejustaposições; pesquisa em educação; imagens; linhas de escrita.

RESUMEN
El artículo resulta de la conclusión de la tesis doctoral del autor, aprobada en la línea de investigación 'Educación y Artes' del Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Santa María (UFSM/RS/Brasil). Se discute en el texto la posibilidad de crear un cuerpo no orgánico para las investigaciones en Educación (noción de Mayoría), reanudando así la práctica del cuerpo-sin-órganos enunciada por Artaud en su conferencia de radio *Pour en finir avec le jugement dieu* (1947) y expandido por Deleuze y Guattari en su producción filosófica conjunta, sobre todo en el libro *Mille Plateaux*. Se buscan formas de pensar investigaciones (noción de minoría), o *esquizoinvestigaciones*, que resultarían en sobrejustaposiciones inventivas como collages de imágenes transcreadoras y líneas de escritura en la tensión constante que afectan al cuerpo durante el recorrido investigativo y violentan el acto de pensar.

PALABRAS CLAVE
cuerpo-sin-órganos; sobrejustaposiciones; investigación en educación; imágenes; líneas de escritura.

Por algum lugar, um começo... nem que seja pelo fim

> *O que se passou antes dessas linhas de escrita? Quem cavou nelas esses vãos, ou escondeu seu oco, construiu pontes sobre os seus abismos?*
>
> *Podem-se puxar fios soltos do meio dessas linhas (o meio do meio) e, neles, prender outras linhas que se interconectam com um Fora absoluto (Fora que comporta um nada prenhe de possibilidades, de singularidades selvagens), formando com sua multiplicidade uma trama rizomática repleta de nós e entrelaçamentos. Quanto a seus buracos, seus espaços vagos, trata-se de passar por eles como quem passa por um orifício de fechadura, como o malabarista-saltador de circo que mergulha em um pequeno dedal. Trata-se de, através deles, criar ocupações que os ampliem e que neles passem a ocupar outras estruturas, outras pontes, outras ligações. (MOSSI, 2014, p. 114)*

O texto que segue é o fim de um processo que se prolonga em imagens (visuais, não visuais) e escritas que se desenham na forma de um mapa móvel. O fim – de um ciclo, de uma vida, de um salto – me parece ser sempre o começo de um infinito. O fim de que trato aqui é o fim de um processo de pesquisa[1] que se quis, sobretudo, como a invenção de um novo-outro corpo o qual, desprovido de órgãos, pudesse de algum modo, ainda que desorganizado (e talvez por isso mesmo), soprar vida. Vida na vida, vida na pesquisa, vida no corpo orgânico cansado. Vida que se produz em meio à arte, à docência e a própria pesquisa, que perpassa tudo isso. Vida que não consegue separar cartesianamente tais instâncias e, nesse sentido – ainda que longe de reivindicar por uma identidade – se assume *esquizo*.

Há uma fala de Barthes da qual gosto muito. Diz ele que “talvez já esteja na hora de abalar uma ficção: a ficção que quer que a pesquisa se exponha, mas não se escreva” (BARTHES, em texto de 1972, publicado em *O Rumor da Língua*, 3ª ed, 2012). Uma brisa de ar fresco atravessa essa pequena verificação do autor. A pesquisa ganha um ponto final, mas suas problemáticas continuam ressoando no espaço.

Já que é preciso começar por algum lugar, é por aqui que faço meu início. Pela constatação de que a pesquisa, ainda que finalizada, continua se escrevendo. Por

um (suposto) fim que parece ecoar no infinito apenas a mesma questão repetida na diferença: *quem a pesquisa [em educação] pensa que é?*

Fotografia de páginas da tese do autor, 2014
Arquivo pessoal

Com quantos paus se faz uma canoa, ou, a tese da minha tese

> *Não seriam as pesquisas que se produzem majoritariamente no campo da educação agenciamentos que se dão em formas de estratificação os quais interpenetram-se? O juízo de Deus (ou de deus, se assim o preferir) que, por um lado, imobiliza qualquer tipo de possibilidade não estratificada, instituída, não apresentaria por outro lado também brechas de desestratificação, de desterritorialização e de escoamento, precipitação desses estratos, como devires-menores dessa Maioria?* (MOSSI, 2014, p. 61)

Minha tese de doutorado a qual dá origem a este texto, em função de prazos, protocolos acadêmicos e desejos pessoais, foi finalizada em março de 2014 junto à linha de pesquisa Educação e Artes do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob orientação da Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira. Tal investigação buscava na problemática

supracitada – *quem a pesquisa [em educação] pensa que é?* –, produzir um novo corpo, um corpo-sem-órgãos ao modo de Artaud (1947) e, em meio ao seu processo laboratorial, transitar com esse corpo amorfo – tal como o fizeram Deleuze & Guattari em sua produção filosófica[2] – por labirintos inventivos que colocaram em tensão constante imagens e linhas de escrita – as nomeadas *sobrejustaposições* – como disparadoras do pensamento. Um pensamento que, segundo esses últimos autores, por ser naturalmente letárgico, precisa ser acionado por encontros que o façam criar.

A tese da referida tese, nesse viés, seria que há uma Pesquisa em Educação que se quer *Majoritária* e que poderia ser sismicamente abalada por uma *pesquisa menor*. Ou seja, a partir do entendimento de *Maioria* em Deleuze & Guattari (1997) como estados de dominação em relação aos quais estão formas marginais de existência, uma *pesquisa-sem-órgãos* produziria falências inventivas, rachaduras como respiros e gagueiras na *Língua-Mãe* das pesquisas hegemônicas, fazendo-as delirar.

Assim sendo, faz-se necessária a ponderação de que a pesquisa dita *menor*, de modo algum se quer um estado mais aceitável em relação às *Pesquisas Majoritárias*. Ela apenas traça linhas de diferença no que parece estabelecido, fazendo essas últimas fugir, se desterritorializar e reterritorializar em outra parte.

Todo o estrato, por mais consolidado que pareça, sempre tem uma das faces voltada para um *spatium* de desterritorialização absoluta (DELEUZE & GUATTARI, 1995b), onde nada 'é' ainda e, justamente por isso, pode vir a atualizar virtualidades e possíveis de toda ordem nas suas entranhas já deveras calcificadas. Basta que algo se acople nesses *agenciamentos territoriais estratificados*, algo como uma *máquina abstrata*, perfure-os e os desterritorialize, abale minimamente suas estruturas fixas, compreendendo que todo movimento de desterritorialização pressupõe sempre uma nova territorialização em outra parte (DELEUZE, 1988-1989). Do contrário – a desterriotrialização sem uma subsequente territorialização – seria mera linha de abolição, liquidaria completamente os estratos desterritorializados, bem como a ela mesma, surtindo efeito pouco produtivo.

A *pesquisa menor*, portanto, parece agir como essas espécies de pontas que se fixam nas *Pesquisas Majoritárias*, utilizando-as como terreno para a criação não de uma *nova verdade*, mas de resistência inventiva em relação às *Grandes Verdades das Investigações*.

Um corpo possível

> *Se pudéssemos nos deslocar [...] como se fosse possível girar nossos olhos em um movimento brusco de cento e oitenta graus em direção às costas do crânio, o que veríamos seria somente um nada, um Fora absoluto onde a vida ganhava consistência por movimentos e repousos de partículas que eram afectadas umas pelas outras, magnetizadas ou repelidas, formando uma espécie de diagrama de intensidades. Era preciso, para tanto, destituir os olhos das funções de ver, somente. Era preciso arrancar os olhos e instalá-los em outros lugares do corpo ou até fora dele. Era preciso girá-los na maior velocidade que pudéssemos dentro da própria órbita e acolher o espaço liso em nosso peito, como a mãe que acalenta o filho. Era preciso conhecer os próprios olhos, cuidar de suas falências e de seus sobressaltos, e deixá-los tão indignados e tão soltos na concavidade ótica a ponto de que eles pudessem ser instalados em qualquer lugar. Era preciso despertencê-los.* (MOSSI, 2014, p. 32)

Artaud, dramaturgo francês que viveu e produziu em meados do século XX, é categórico ao afirmar em sua conferência radiofônica intitulada *Para acabar com o julgamento de deus*, de 1947:

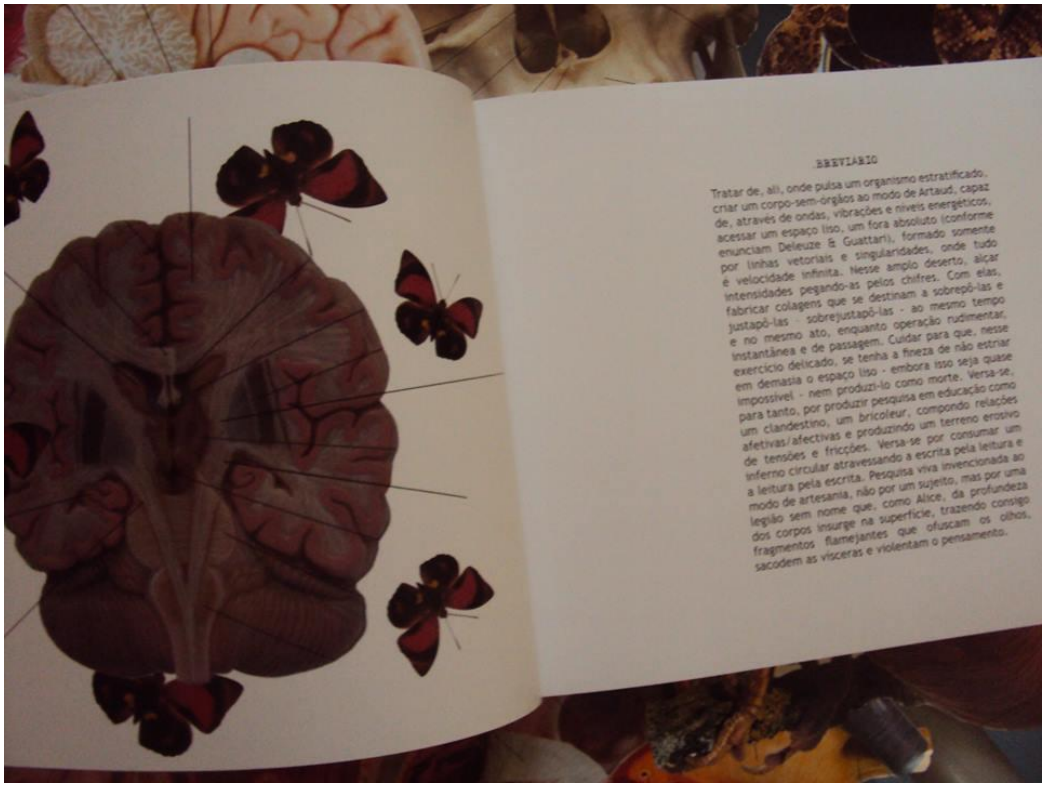
> O homem é enfermo porque é mal construído, / Temos que nos decidir a desnudá-lo para raspar esse animalúculo que o corrói mortalmente, / deus / e juntamente com deus / os seus órgãos (ARTAUD, in: WILLER, 1983, pp. 161–162)

Posteriormente, Deleuze & Guattari, fazendo sua tal prática e a colocando em relação direta com sua produção filosófica, investem na ideia de que

> Trata-se de criar um corpo sem órgãos ali onde as intensidades passem e façam com que não haja mais nem eu nem o outro, isto não em nome de uma generalidade mais alta, de uma maior extensão, mas em virtude de singularidades que não podem mais ser consideradas pessoais, intensidades que não se pode mais chamar de extensivas. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 18)

Quando esses últimos autores tomam para si tal noção dando a ela nuances muito específicas, o fazem, conforme Artaud de certo modo já previa, colocando-a em relação direta com a produção de um corpo o qual se inventa livre de regras

prescritivas, prévias de funcionamento, em uma duração que é ética, mas que também é estética. Abdicam de um organismo rígido, hierárquico, que prefigura estratos sociais, culturais, sexuais, dentre outros, para pensar na possibilidade de inventar uma vida com um corpo formado não por órgãos que o restringem, que o engessam, mas por vetores intensivos de desejo produtivo, de infinitas possibilidades de experimentação. O fazem também, sem dúvida, resgatando algo formulado por Spinoza nos idos dos anos de 1600, para quem corpos não se definem por seu gênero ou sua espécie, por seus órgãos ou suas funções, mas por



Fotografia de páginas da tese do autor, 2014
Arquivo pessoal

aquilo que podem (daí a tradicional pergunta do filósofo: *o que pode um corpo?*), ou seja, pelos afetos dos quais são capazes.

A prudência é requerida pelos autores nessa busca que nunca cessa de se fazer. É preciso guardar uma porção de órgãos para que a vida continue a pulsar (DELEUZE & GUATTARI, 1996), para que uma linha de proscrição não liquide com o corpo biológico o qual serve de plano para que esse novo corpo possa nascer. Certamente, fabricar um corpo-sem-órgãos nada tem a ver com matar-se. Pelo

contrário, busca-se uma vida repleta de tanta pulsação que seja capaz de expulsar dela os órgãos enrijecidos ou fazer com que em seu seio possam vibrar outras intensidades não orgânicas.

Um corpo possível: corpo que se quer sem órgãos em uma pesquisa em educação, na vida que atravessa essa pesquisa e que também é atravessada pela arte e pela docência, como vetores intensivos que produzem uma singularidade em meio a imagens e linhas de escrita. Corpo que resiste aos métodos pré-datados de se fazer Pesquisa em Educação (com 'P' e 'E' maiúsculos) e produz *uma* pesquisa em educação (com 'p' e 'e' minúsculos). Corpo que não deseja a abolição desses mesmos métodos, ou mesmo da Grande Pesquisa, mas que se instala neles para fazê-los variar. Corpo que não firma qualquer compromisso com totalidades ou com verdades absolutas em relação ao que profere, visto que entende que todo o enunciado é produzido de modo coletivo, entrelaçado por inúmeras vias de acesso, permeado por infinitas compreensões por parte de quem os escuta e que estes não são ouvidos passivamente. Corpo que se faz na interação com outros corpos, nunca na solidão. Que amplia suas possibilidades abrindo-se para a experimentação, que rejeita as significações diretivas, unidirecionais. Enfim, um corpo que não se vê separado do que pensa e do que produz, tampouco se vê limitado por seu estrato unicamente biológico, orgânico. Corpo que é apenas um amontoado de carne, pensamentos, fluxos, imagens, linhas de escrita como outros pequenos corpos que o fazem devir constantemente.

Corpo-colagem: sobrejustaposições

> *Trata-se de capturar incorporais resultantes de encontros; Trata-se de compor com fragmentos resultantes da violência que coage o pensamento a pensar; Trata-se de cunhar, de sulcar algo na tensão, na fricção de elementos dispersos; Trata-se de produzir algo a partir do acaso, do improviso, da colagem; Trata-se de buscar possibilidades afirmativas e aumentativas de potência no imprevisto, de desenhar um plano imanente de despersonificação, de impessoalidade, de multiplicidades e de coexistência que se constitui por camadas.* (MOSSI, 2014, p. 29)

Venho me ocupando da noção de sobrejustaposição desde 2008, em ocasião da escrita de minha dissertação de mestrado. Como na época estudava relações históricas, teóricas e críticas entre imagens da arte contemporânea, cunhei tal

licença poética oriunda da junção das palavras sobreposição e justaposição para dar conta de algo que me era caro naquele momento: produzir sentidos na tensão entre imagens, conceitos e textos, dentre outras referências, que ganhavam um tratamento de diálogo e complementariedade sem, no entanto, serem ilustrativos uns em relação aos outros.

Fotografia de páginas da tese do autor, 2014
Arquivo pessoal

Com o passar do tempo dei-me conta que tal modo de tratar minha produção no âmbito teórico, de alguma forma, acompanhava minha produção artística na medida em que, em muitos dos meus trabalhos, ocupo-me da colagem e da união de linguagens diversificadas em um mesmo trabalho (o desenho e a fotografia, por exemplo), como um dos meios para minha produção poética.

Não bastasse isso, minha tese parecia utilizar em sua esfera metodológica, se não a mesma, uma operação muito próxima: trabalhar com a união de fragmentos imagéticos e textuais como meio para atualizar em seu *corpus* epistemológico uma estética da sobreposição e da justaposição que almejava não uma colagem

uniforme, mas a junção aparentemente aleatória de estilhaços afetivos os quais, em seu conjunto, conjuravam uma multiplicidade. Nela, imagens são atravessadas por linhas de escrita que não explicam o que é visto, mas ampliam as dimensões do que é mostrado. Do mesmo modo, as imagens não demonstram visualmente o que está escrito, mas abrem labirintos nas palavras, criam com elas trânsitos outros em vias repletas de possibilidades experimentativas por parte de quem entra em contato com as mesmas.

Esquizopesquisa

> *Um corpo qualquer, sem Eu, clandestino, um amontoado de membros e de órgãos desorganizados, em constante devir-singularidade, sobrejustapõe, sobre um plano liso, palavras, silêncios e imagens, conceitos, perceptos e afectos: o que pode ser dito, visto e também o que não se pode ouvir nem mostrar. Ele funda, com isso, um continente, uma ilha, uma pesquisa que trata de produzir um respiro nas pesquisas em educação majoritárias, em estado de circularidade. Ele entoa o grito dos malditos, dos que por fuga ou risco – não se sabe – entendem que há outros modos e mundos possíveis. Ele dobra-se sobre si mesmo a cada vez, e a busca por seu nome também é a perda de seu rosto. Ele é seu próprio campo, sua própria cobaia, criada para servir aos seus intuitos mais secretos. Não se trata de pura retórica: trata-se do verbo que se faz carne, sangue e ato.* (MOSSI, 2014, p. 30)

Deleuze & Guattari propõem à filosofia e à sociedade capitalista contemporânea como um todo um novo modelo de pensamento: o pensamento esquizofrênico, ou melhor, o pensamento cindido do louco como possibilidade de enfrentar – na forma de resistência e de criação – as linhas duras que atravessam nosso dia-a-dia.

Em contrapartida ao modelo de inconsciente psicanalítico (gerado unicamente pela falência do desejo), conforme nos propunha Freud no início do século XX, os autores mencionados formulam o que eles chamam de *esquizoanálise*, para a qual "a questão não é nunca reduzir o inconsciente, interpretá-lo ou fazê-lo significar", mas "produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos" (DELEUZE & GUATTARI, 1995a, p. 28). Complementam dizendo que

> Freud tentou abordar os fenômenos de multidão desde o ponto de vista do inconsciente, mas ele não viu bem, não via que o inconsciente era antes de mais nada uma multidão. Ele estava míope e surdo, confundia multidões com uma pessoa. Os *esquizos*, ao contrário têm o olho e a orelha agudos. Eles não confundem os

> rumores e as impulsões da multidão com a voz de papai.(DELEUZE & GUATTARI, 1995a, p.43)

O *esquizo* resiste à *edipianização* da sociedade hegemonicamente patriarcal e cria com seu corpo, com sua vida, uma potência inventiva a qual, ao mesmo tempo em que é singularidade, é também multiplicidade. No contraponto do desejo como falta de um objeto em si, o desejo como máquina produtiva (*máquina desejante*) que constrói agenciamentos diversos abertos a infinitas e subsequentes desterritorializações e reterritorializações inventivas.

Nessa esteira, perguntamo-nos: como produzir uma *esquizopesquisa*? Sem dúvida, parece haver uma virada aí. Pesquisa-se não para dar conta de uma falta, de uma necessidade, para aprender o que não se sabe e se quer passar a conhecer, mas para criar linhas de resistência no que já está dado, no que parece ser inquestionável aos olhos mais ortodoxos. Pesquisa-se para movimentar o desejo em direção a uma saída vetorial dos agenciamentos territoriais estratificados os quais pressupõem corpos e enunciados reciprocamente, para fazê-los ganhar outras formas de conteúdo e expressão, respectivamente. Pesquisa-se para produzir outras velocidades ao pensamento e ao experimentá-las traçar linhas de fuga em direção a um *Fora* como dimensão formada apenas pelo "domínio das forças, das singularidades selvagens, da virtualidade, onde as coisas não são ainda, onde tudo está por acontecer" (LEVY, 2011, p. 102). Pesquisa-se não para encontrar verdades escondidas, mais profundas, mas para produzi-las como se produz um cântico, um poema. Pesquisa-se para repetir a diferença e não o *mesmo*.

Máquina de pensar

> *Não, não se trata de uma máquina central, unânime, do corpo e do cérebro como máquinas, mas da máquina de pensar abstrata sem sujeito, que acontece ao pensamento, que o violenta e o põe em funcionamento produtivo e inventivo, que abala o Eu estabelecido como pleno, consciente e racional, dobrando-o na direção de um Fora como terreno pleno de possibilidades o qual não reconhece subjetividades ou identidades, somente forças selvagens, virtualidades e possíveis. Máquina abstrata que não institui a abstração como um além-mundo transcendente, mas que, com suas inumeráveis pontas, acopla-se aos agenciamentos – e a toda sorte de formas de conteúdo e expressão –, fazendo-os fugir em devires minoritários, em*

> *desterritorializações/reterritorializações inventivas.* (MOSSI, 2014, p. 54)

O que é a filosofia?, perguntam-se Deleuze & Guattari (1992). Com essa problemática gigantesca os autores escrevem seu último livro conjunto. A questão parece uma provocação vinda de quem, supostamente, produziu filosofia por uma vida inteira. Contudo, parece-me que não poderia haver pergunta (problema) mais cabível para um livro que é além de uma reanálise de muitos dos conceitos produzidos em conjunto pelos autores, também uma espécie de *manual do filósofo*.

Trata-se de um manual nada prescritivo, é verdade, mas muito preciso ao dizer que a filosofia, para além de mera contemplação de realidades superiores (tal como aposta a filosofia clássica), é criação de conceitos sobre um plano de imanência. Os referidos conceitos não devem se destinar exclusivamente aos filósofos, dizem os autores, sob pena de se fazerem úteis somente em função de algo que é apenas da ordem do depois, da transcendência. Devem destinar-se também aos não filósofos a fim de serem operados na imanência do aqui e agora, da vida prática.

Já em outros momentos Deleuze (2003; 2006), em parte de sua obra solo, já havia mencionado algo próximo de que, ao se distanciar de uma perspectiva tradicional de filosofia, em especial da máxima cartesiana “penso, logo existo”, o que resta ao pensador (filósofo e não filósofo) é, utilizando tal faculdade, criar. Ou seja, pensamos não porque pensar é uma ação natural ou porque com nosso pensamento representamos as realidades que nos são comuns, mas porque precisamos ser coagidos a isso. O pensamento precisa ser violentado, acoplado ao próprio pensamento pelos encontros que temos em meio à vida no sentido de produzir o novo, o impensado.

Não se trata de, com o pensamento, significar aquilo que nos acontece, mas de sentir e experienciar o acontecimento. Senti-lo atravessar nosso corpo como um vapor incorporal que nos faça vivenciar nele outras potências, outras velocidades. Fazemos, nesse sentido, referência à Spinoza (2010) quando o mesmo nos propõe pensar em um corpo que se produz em meio aos *afectos* de que é capaz, ou seja, que se define por sua capacidade tanto de afetar como ser afetado por outros corpos e não por seu gênero ou espécie.

Daí o contrassenso de pensar em um Ser autônomo, plenamente formado, plenamente consciente, já que a única certeza de que dispomos em nossa duração é a do devir, a do pacto que constituímos com aquilo que faz corpo conosco nos levando a outros estados que impossibilitam o retorno para aquilo que éramos há instantes. Daí a força de uma pesquisa que atravessa a vida e que nos tira a possibilidade de qualquer território estabelecido.

Máquina de escrever, ou, o laboratório

> *É esse nosso ofício, nossa sina, nosso eterno retorno, nosso inferno cíclico: ler e escrever como produzir do próprio produzir. A alquimia, o laboratório investigativo, a combinação de sons e sabores, se constitui em ler pela escrita e escrever pela leitura como quem encontra cavernas dentro da caverna platônica antes de procurar uma única saída dela. É disso, e somente disso, que trata o proposto empirismo transcendental da pesquisa: compor com o corpo do texto – que está sempre se fazendo – pontos singulares conectados aos corpos dos muitos que em mim e através de mim leem e escrevem.* (MOSSI, 2014, p. 71)

É de praxe que a pesquisa resulte em um texto. Contudo, parece haver naturezas diversas para os textos de pesquisa. Dentre muitos, constato que há pelo menos dois tipos: os textos enclausurados na sua função de dar conta de um processo laboratorial e/ou de campo realizado anterior e/ou conjuntamente a ele – seria uma espécie de relatório utilizado para legitimar a investigação e cristalizá-la em seus resultados finais, ainda que provisórios – e, agora os que mais me interessam e que foram almejados na produção da minha tese, os textos vivos, como extensão de um corpo que se faz junto com a pesquisa. Um texto que é, ele próprio, o laboratório. Para esses segundos tipos de texto não há separação entre os planos ditos ‘práticos’ e ‘teóricos’, pois o que há é mais um “empirismo transcendental” (DELEUZE, 2001), ou seja, o que

> [...] se instaura no plano dito teórico já pressupõe um corpo em ação e movimento invaginando em si mesmo o universo, produzindo-se como singularidade. A empiria e o pensamento andam lado a lado, amalgamados, digladiando, violentando um ao outro. (MOSSI, 2014, p. 54)

O texto seria, então, como nos propõe Barthes (2010), um tecido. Contudo, antes de ser formado por tramas bem acabadas que sustentariam por detrás sentidos e

verdades ocultas, o texto se fabrica por um encadeamento eterno, como a teia de uma aranha que se desfaz no seu próprio feitio.

Engana-se quem pensa que tal operação – a da tessitura dessa rede que é o texto –, é uma operação autônoma que provém de um sujeito pleno. Quem escreve parece ser mais formado pelo texto que seu formador, mais escrito por ele que seu escritor, até porque, considerando esse segundo viés do texto de que aqui estamos tratando, não há originalidade nem genialidade na escrita, nunca se escreve algo que alguém já não tenha de algum modo escrito. O que se faz é traduzir e compor, como um trabalho minucioso que "procede por raspagens, colagens, camadas afixadas e em seguida arrancadas, sobreposição que justapõe planos em horizontalidade rizomática e justaposição que sobrepõe transparências" (MOSSI, 2014, p. 73). Como afirmam Deleuze & Guattari (1992), não há escritor ou pintor que, antes de escrever ou pintar, não tenha de raspar todos os clichês preexistentes em sua página ou tela.

A leitura, nesse sentido, não é um pressuposto moral ou intelectual para a escrita, tampouco podemos pensar em um sujeito que escreve e outro que lê como operações autônomas e independentes. A pesquisa que envolve esse tipo de texto se faz pela sua escrileitura: "expressão mascarada da escrita-pela-leitura e da leitura-pela-escrita bravos combates das máquinas de guerra" (CORAZZA, 2008, p. 21).

Por tudo isso, talvez, a tentativa de produção, a partir da minha pesquisa, não de um texto no formato convencional (um relatório), tampouco de um mero registro, mas de algo próximo a um *livro-objeto* (ou *texto-objeto*) que contivesse para além dele potenciais textuais e imagéticos dialogando, sendo entrecruzados e tensionados (*sobrejustaposições*), oferecendo assim os rastros de alguém que se constitui pesquisador, artista, professor, dentre tantas outras coisas, em meio à vida.

Notas

[1] Tese de doutorado defendida em março de 2014 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM/RS), Linha de Pesquisa Educação e Artes, intitulada 'Um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições. Quem a pesquisa [em educação] pensa que é?' e orientada pela Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira.

[2] Neste texto, utilizo especialmente a obra Mil Platôs, livro em cinco volumes publicados no Brasil entre os anos de 1995 e 1997 e o último livro escrito em conjunto pelos autores intitulado O que é a filosofia?, publicado no Brasil em 1992.

Referências

ARTAUD, Antonin. Para acabar com o julgamento de Deus (1947). In: WILLER, C. [tradução, seleção e notas]. *Escritos de Antonin Artaud.* Porto Alegre: L&PM, 1983.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua.* São Paulo: Martins Fontes, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. *Os cantos de Fouror:* escrileitura em filosofia-educação. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2008.

DELEUZE, Gilles. *O Abecedário de Gilles Deleuze.* Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989.

_____. *Empirismo e subjetividade:* ensaio sobre a natureza humana segundo Hume (Trad. Luiz B. L. Orlandi). São Paulo: Ed. 34, 2001.

_____. *Proust e os Signos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *Diferença e repetição.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia*? [tradução de Bento Jr. E Alberto Alonso Muñoz]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. *Mil platôs:* capitalismo e esquizofrenia, vol. 1 [tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.

_____. *Mil platôs:* capitalismo e esquizofrenia, vol. 2 [tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b.

_____. *Mil platôs:* capitalismo e esquizofrenia, vol. 3 [tradução de Aurélio Guerra Neto ET alii]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

_____. *Mil platôs:* capitalismo e esquizofrenia, vol. 4 [tradução de Suely Rolnik]. São Paulo: Ed. 34, 1997a.

LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora* – Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MOSSI, Cristian Poletti. Um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições. Quem a pesquisa [em educação] pensa que é?. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação (Linha de pesquisa Educação e Artes) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS). Santa Maria, 2014.

MOSSI, Cristian Poletti; OLIVEIRA, Marilda O. de. Experienciar, suturar e sobrejustapor sentidos na teoria e na crítica da imagem: dois possíveis desvios estratégicos. In: *Revista*

Visualidades. v. 9, n. 1. Goiânia: Programa de Mestrado em Cultura Visual da FAV/UFG, 2011, pp. 164-177.

_____. Cartografias e sobrejustaposições para pensar a produção crítica da arte enquanto etnografia. In: *Revista da FUNDARTE*. v. 1, n. 1. Montenegro: Fundação Minicipal de Artes de Montenegro, 2012, pp. 09-12.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética* [tradução e notas de Tomaz Tadeu]. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Cristian Poletti Mossi
Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (2014), Linha de Pesquisa Educação e Artes. Professor Adjunto do Curso de Artes Visuais: Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Membro pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPAEC). Atualmente, em suas pesquisas dedica-se a pensar as relações que se estabelecem entre arte, docência e investigação em conexão com as perspectivas teóricas da Cultura Visual e das Filosofias da Diferença.